

CULTURAS DO ESCRITO, EDUCAÇÃO E HISTÓRIA

Percursos de formação e de atuação
de uma professora/pesquisadora
de universidades públicas brasileiras

A *Série Memoriais* tem como principal objetivo publicar relatos memorialísticos de professores e professoras que, ao se submeterem a processos de progressão de carreira no magistério superior, tiveram de escrever textos desse gênero. É, assim, um convite à leitura para pessoas interessadas na história recente da universidade brasileira e seus sujeitos, nas relações entre memória e história, nos processos de formação e de atuação docentes e na história da configuração de diferentes campos acadêmicos.

Conselho Editorial

Alexandre Fernandez Vaz – UFSC

Ana Maria de Oliveira Galvão – UFMG

Artur Gomes de Moraes – UFPE

Eliane Peres – UFPel

Kênia Hilda Moreira – UFGD

Marcus Aurelio Taborda de Oliveira – UFMG

Maria do Carmo Martins – Unicamp

Nilma Lino Gomes – UFMG

Ana Maria de Oliveira Galvão

**CULTURAS DO ESCRITO,
EDUCAÇÃO E HISTÓRIA**

Percursos de formação e de atuação
de uma professora/pesquisadora
de universidades públicas brasileiras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Galvão, Ana Maria de Oliveira

Culturas do escrito, educação e história : percursos de formação e de atuação de uma professora/pesquisadora de universidades públicas brasileiras / Ana Maria de Oliveira Galvão. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022. – (*Memoriais*)

ISBN 978-85-7591-633-9

1. Galvão, Ana Maria de Oliveira
2. Memórias autobiográficas
3. Professoras – Formação – História
4. Reflexões
5. Universidades públicas – Brasil I. Título. II. Série.

22-116969

CDD-371.1092

Índices para catálogo sistemático:

1. Professoras : Memórias autobiográficas :
Educação 371.1092

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
foto de capa : da autora, “caboclo de lança”, Maracatu
de baque solto; Carnaval de 2020, Recife. (detalhe)
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final da autora
bibliotecária: Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 2

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Para Ana Rita de Oliveira Galvão (1925-2021), minha mãe,
com amor, gratidão, orgulho e muita saudade.*

AGRADECIMENTOS

*A todos(as) vocês, por existirem:
André, Tomás e Léo;
Mamãe e papai;
Carlos, Jayme, Márcia, Maria Augusta,
Laís, Caio, Artur e Maria Fernanda;
Tias, tios e toda a família (paterna e materna) estendida;
Silvana e D. Haydé, em nome
da família Gomes Soares; Lu e Bela;
Eliane e Ceres;
As “amigas no Porto”;
As amigas do “Club Social”;
As “amigas para sempre”;
Eliana, em nome do “grupo do Recife”;
Renan, em nome dos(as) amigos(as) de Campina Grande;
Mônica, Neice, Maria Augusta e Marina, em nome de todos(as) os(as)
que têm cuidado da minha saúde;
Colegas/amigos(as) do Grupo de Estudos e
Pesquisas sobre Cultura Escrita;
Colegas/amigos(as) do GEPHE;
Minhas(meus) orientandas(os) e ex-orientandas(os);
Minhas(meus) alunas(os) e ex-alunas(os);
Os(as) amigos(as) da UFMG, da UFPE, da UFPB e também aqueles(as)
que fiz em eventos, em bancas...;
Rose Madeira, em nome de todos(as) os(as) servidores(as) técnico-
administrativos(as) das universidades;*

*William, em nome de todos(as) os(as) livreiros e livrarias;
D. Francisca, Walber, Beth Cassimiro, Ferdinand, Eliane, Neidson,
Magda, Jean Hébrard e Anne-Marie Chartier, em nome de todos(as)
os meus(minhas) professores(as) marcantes;
Accioly Neto, Alceu Valença, Ana Maria Gonçalves, Ana Miranda,
Annie Ernaux, Antônio Nóbrega, Ariano Suassuna, Ascenso Ferreira,
Banda de Pau e Corda, Caetano Veloso, Capiba, Carlos Drummond de
Andrade, Carlos Fernando, Cazuzu, Chico César, Chico Buarque, Chico
Science, Chimamanda Adichie, Claude Monet, Clarice Lispector, Coral
Edgar Moraes, Cristóvão Tezza, Elena Ferrante, Elomar, Francisco
Brennand, Franz Kafka, Gabriel García Marquez, Georges Simenon,
Geraldo Azevedo, Getúlio Cavalcanti, Gilberto Gil, Gilvan Samico,
Gustav Klimt, Gustav Mahler, Harper Lee, Ian McEwan, Itamar
Vieira Júnior, João Cabral de Melo Neto, João Tordo, Jorge Amado,
José Lins do Rêgo, José Saramago, Karim Aïnouz, Kléber Mendonça
Filho, Lenine, Leonardo Padura, Lírio Ferreira, Luís Sepúlveda, Luiz
Alfredo García-Roza, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Marcelo
Gomes, Marguerite Duras, Mark Twain, Maria Dueñas, Maria
Valéria Rezende, Marian Keyes, Marinês, Mário Quintana, Martha
Batalha, Martha Medeiros, Mia Couto, Milton Nascimento, Muriel
Barbery, Naná Vasconcelos, Nelson Motta, Paulo Caldas, Pedro
Almodóvar, Philip Roth, Quinteto Violado, Ruy Castro, Sivuca, Spok
Frevo Orquestra, Tereza Costa Rêgo, Umberto Eco, Valter Hugo Mãe,
Vinícius de Moraes, Vital Farias, Xangai, Zeca Baleiro, em nome de
todos(as) os(as) que me proporcionam fruição estética.*



SUMÁRIO

Prefácio	
UM LIVRO SOBRE AS NOSSAS INQUIETAÇÕES	11
<i>Marcus Aurelio Taborda de Oliveira</i>	
APRESENTAÇÃO	21
PARTE 1	
PERTENCIMENTOS	29
A EDUCAÇÃO ESCOLAR E OUTRAS INSTÂNCIAS FORMATIVAS NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA	59
PARTE 2	
A CONSTRUÇÃO DAS OPÇÕES PROFISSIONAIS: A GRADUAÇÃO, O MESTRADO E O DOUTORADO	73
A ATUAÇÃO PROFISSIONAL	95
PARTE 3	
ALGUMAS ELABORAÇÕES E PERSPECTIVAS	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
REFERÊNCIAS	191

U

Prefácio
UM LIVRO SOBRE AS
NOSSAS INQUIETAÇÕES

Este livro é uma lufada de poesia e esperança. Transcende a dureza dos textos acadêmicos. Lembra João Cabral: rigor com beleza, inspiração com transpiração. Gosto de trabalhos que contenham aspectos autobiográficos. Instigame compreender como as pessoas chegaram a ser o que são, como se transformaram ao longo do tempo, sobretudo em uma sociedade que louva o sucesso e condena o fracasso. Mesmo sabendo que apenas uns poucos poderão ter sucesso. Mesmo sabendo que muito do que se chama fracasso é a forma de algumas pessoas e grupos habitarem o mundo. Mesmo sabendo de todos os filtros mobilizados por quem produz esse tipo de narrativa aqui contemplada.

O livro, decorrente do memorial da professora Ana Galvão para o acesso à condição de professora titular da UFMG, ajuda a reafirmar certas impressões sobre a autora e a sua obra, mas também questionar outras. Deslinda um atilado perfil intelectual. Lembro que a conheci como “autora” de textos. Depois como editora de revistas importantes, membro do comitê científico da ANPEd. Sempre achei o seu trabalho primoroso, e gostava de ver como ela nunca estava em evidência aparecendo em todo e qualquer tempo e lugar, sendo marqueteira dela

mesma ou figurinha carimbada de eventos, como muita gente faz. Gostava daquele perfil, pois gosto de quem tem “poder” e conhecimento e não precisa ostentá-los. Apenas sabe exercê-los, sem impô-los aos outros. Então, permito-me discordar da Ana que tanto escreve nesse livro sobre o seu jeito: não é só timidez, penso, mas uma postura ética. E é uma postura autossuficiente de quem “sabe a dor e a delícia de ser o que é”. Lendo o seu livro fiquei ainda mais surpreso e feliz por ver que ela, tendo o lastro que tem, chegou aonde chegou, produzir uma obra que jamais poderá ser ignorada, pois é uma autoridade sobejamente respeitada pelo que fez e faz. Mas continua sendo uma pessoa comum, mesmo sendo tão incomum.

A sua carreira é invejável, estimulante, exemplar. Soube aproveitar as oportunidades que teve na vida e as transformou numa forma de ser no mundo, em parte explicitada na trama desse livro. Ser pesquisadora, ser professora. Ser mulher, negra, herdeira do desbunde da década de 60, pernambucana, de classe média, mãe, com forte presença da religiosidade católica na sua formação. Ela mesma nos conta. Lembro de Theodor Adorno fazendo a defesa de Proust contra aqueles que insistiam em justificar (ou atacar) a obra genial do escritor francês pela sua condição de classe. Pois como bom herdeiro, o escritor usufruiu de maneira muito intensa daquilo que lhe foi legado e valorizou ao máximo o potencial criativo humano. Ana afirma a sua origem de classe média intelectualizada, admitindo que a vida a fez ampliar os seus horizontes em relação àquilo que costumamos chamar de “popular”. Isso não é tão comum no meio acadêmico, onde muitos gostam de sustentar um pertencimento de classe que nunca tiveram. Pois com o ferramental que a sua condição ofereceu, assim como Proust, Ana nos legou uma obra condenada a durar *für ewig*. À diferença do francês, uma obra que tem a *gente comum* no centro dos seus interesses. Não se trata de uma comparação, mas de um paralelo instigado pela reflexão de um filósofo da tradição crítica. A autora nos revela, por exemplo, a sua relação com o esporte e a música, entre outras práticas, como elementos centrais para a ideia de formação da sua família/classe social, independente do seu

gosto por essas atividades. Parece ter sido afetada por uma concepção de formação que historicamente foi caracterizada como “burguesa”, legado maior da utopia do Esclarecimento, melhor expressão para o projeto da *Bildung*. Pois é preciso perguntar o que restou, hoje, dessa concepção de formação, uma vez que com alarde se anuncia que a educação estaria em crise. E para todo tipo de preconceito, em um momento onde os pobres, os pretos, os índios, a comunidade LGBTI+ felizmente adentraram pelas portas da frente da universidade e a tornaram um verdadeiro caldeirão de diversidade. Seria possível, ainda, formar alguém nos termos que Ana nos oferece? A reflexão da autora nos dá pistas que sim, pela aposta que faz no potencial dos seus jovens alunos, das suas jovens orientandas, dos seus colegas de ontem e de hoje. Mas essa é apenas uma pequena parte do livro diante do qual nos encontramos.

Ao tratar dos seus veios de estudos, Ana também oferece elementos para uma crítica sutil a essa mesma universidade. Afinal, se ela eventualmente se nos apresenta como um oásis, sobretudo nos nossos trabalhos em grupo, seria por vezes também um deserto ou um lugar de sofrimento. A sua reflexão não fecha a questão, mas abre uma possibilidade de compreensão das muitas formas de fazer a universidade pública no Brasil. Com ecos do seu proverbial e histórico elitismo, ou como uma instituição que é de fato, de e para todos. E é estimulante ver como a autora se orgulha do pertencimento à área da Educação, de ser Pedagoga. Orgulho que não lhe impede de ponderar sobre os dilemas e o tanto de arbitrariedade que existem nas nossas escolhas intelectuais, de pesquisa, de ensino, de gestão. As suas reflexões permitem expandir as nossas. No modelo de universidade que engendramos, estamos preparados para fracassar nas nossas pesquisas, nas nossas intervenções como produtores e transmissores de conhecimento? Não as conduzimos sob um manto de proteção que garante que os seus resultados sejam auspiciosos, de modo a agradar o *status quo* acadêmico? Acostumamo-nos a cobrar originalidade nos trabalhos das nossas alunas e alunos, dos nossos colegas, às vezes nos resultados dos nossos trabalhos.

Mas o sucesso de uma pesquisa também reside em não chegar em conclusões alvissareiras. Ou não? Ana permite pensar sobre essas coisas, até porque generosamente desfila todos os autores dos trabalhos por ela orientados, tanto quanto os autores com os quais vem dialogando ao longo da sua vida. O que já atesta o perfil de quem trabalha junto, compartilha, busca parceria. Ela nos faz questionar se precisamos de rapidez ou de qualidade naquilo que fazemos. Nada como uma pesquisadora muito produtiva para meter a cunha no produtivismo que barateia o conhecimento.

As suas reflexões no livro seguem em relação ao dilema das línguas estrangeiras, o quanto elas nos desenraizam, mas ajudam a redefinir nossas múltiplas identidades. Passam pela preocupação com a COVID-19 e as dificuldades do ensino remoto para os nossos alunos, tão carentes de infraestrutura mínima para a ampliação do seu nível cultural e intelectual, papel preponderante a ser cumprido pela universidade segundo a ética que move a autora. Pois, se o conhecimento sozinho não emancipa, sem ele toda forma de libertação está de saída comprometida. Por tudo isso este livro é um documento. Trata de uma trajetória, singulariza, mas diz muito do que é a universidade e do que vivemos quando optamos por atuar de um ponto de vista realmente público, como faz Ana. Entendo que deve ser lido como um libelo.

Para aqueles e aquelas que se interessam pelos temas que há décadas Ana percorre, a parte final do livro é um verdadeiro programa de pesquisas. É tanto um balanço do que tem sido e a promessa do que virá com o trabalho diligente da sua autora. Não poderá ser ignorado por ninguém que leve a sério a pesquisa e a reflexão rigorosas sobre aspectos que dizem muito sobre formas de exclusão, de interação, de formação nesse mundo chamado Brasil. O seu estudo histórico de processos educativos não escolares, das culturas do escrito, da produção social do analfabeto, da não correlação entre alfabetização e indicadores de cultura escrita nos oferece análises primorosas para indagarmos parte da tragédia brasileira. A autora nos autoriza a perguntar. Desde o século XIX a produção social do analfabeto

é uma operação política ou cultural? Ou ambas? Efeito simples de práticas de distinção? Algo que ajudaria a definir o que é a “cultura nacional”, inclusive em termos políticos?

Por que as reflexões aqui expressas são tão importantes? Ora, em estudos mais panorâmicos somos tentados a fazer uma relação direta entre cultura e política, por exemplo, como signo de modernização da sociedade, que deixaria como resto um rastro de exclusão. Ana ajuda a abalar muitas certezas disseminadas pelo senso comum, pelos donos do poder, mas também por determinado tipo de produção acadêmica. Afinal, persegue a inventividade, a criatividade, a capacidade de agir da gente comum. Para quem acha que o que as Humanidades fazem é inútil, em especial da área da Educação, desafio gestores públicos, políticos e burocratas a contraporem os seus argumentos, com o mesmo rigor que a autora mobilizou para produzi-los. O seu livro é de leitura obrigatória para quem se interessa pela pesquisa, para muito além da História da Educação, seja pelas temáticas investigadas ou pelas inúmeras reflexões sobre o que, como, por que investigar. E sobre andar junto, algo tão negligenciado no mundo acadêmico, tão vaidoso, tão competitivo, tão individualista. Estamos diante da constatação que pode haver uma combinação de sensibilidade e rigor intelectual nesse mundo, contra todas as formas de simplificação e banalização que nos impõem a vida, a desfaçatez dos jogos políticos, e por extensão, a vida universitária tomada pela tecnocracia.

O livro permite ponderar, ainda, sobre muitas outras coisas. Daquilo que aqui é narrado, usei compartilhar algumas inquietações que o trabalho de Ana despertou em mim. Pela fecundidade do seu pensamento e pelo alcance do seu conhecimento, imagino que muitas outras questões suscitarão a curiosidade dos leitores. Lembrei do poeta Francisco Alvim, que escreveu: “Mais atraente que chegar nos lugares é transitar entre um e outro”. Ana nos faz transitar no tempo, no espaço, viajar no conhecimento. Pensando com Walter Benjamin, viajar é a grande experiência moderna. Ana viajou muito com a família, pelo trabalho, nas suas pesquisas, e nos relata alguns

dos impactos que os encontros proporcionados por todo tipo de viagens produziram. Todo o seu pertencimento, evidente no texto, ajudou a produzir experiências de choque. O relato da sua trajetória nos permite pensar, em um momento tão polarizado do mundo, no qual as diferenças gritam e são novamente sufocadas, como o nosso trabalho como professores e pesquisadores pode fazer sentido sem que caiamos no assistencialismo ou no maternalismo/paternalismo. Como transformar o estranhamento em encontro e em potência.

Não é demais antecipar que um dos encantos do seu trabalho intelectual tem a ver com o questionamento das demarcações rígidas entre cultura popular, cultura erudita, alta cultura etc. Parece fazer uma aposta na ideia de cultura comum de Raymond Williams e Richard Hoggart. Na cena brasileira, de Antonio Candido. Mas Ana não barateia e não baralha cartas de forma ingênua. Ao mesmo tempo que discorre com rigor sobre a pesquisa, instiga o leitor a refletir sobre o quanto nossos alunos são formados pela cultura de massa, hoje. Quando olhamos ao redor, para fora da universidade, para o mundo, pensamos que, se as clivagens são ruins, como escapar de uma banalização que transforma a diversidade cultural em uma coisa só, padrão, *kitsch*? Tem a universidade se constituído como um diferencial, ou já foi capturada pela lógica do “mais do mesmo” da indústria cultural? Quando tentamos facilitar aquilo que não é fácil para os nossos alunos e orientandos, o trato com a cultura, não corremos o risco de sufocá-la? No mesmo movimento, em nome de valorizar o que haveria de autêntico e/ou original na experiência de cada um ou de grupos singulares, não aniquilamos o potencial sociabilizador e humanizador da cultura, justamente o que a faz comum? O que uma professora de Metodologia de Pesquisa e historiadora de práticas ordinárias, que alerta contra os defensores do terraplanismo, tem a dizer sobre isso? Muito! Qual é o estatuto da nossa militância intelectual, hoje? Seguir pensando com rigor, como há anos Ana vem ensinando.

Mais algumas respostas podem ser localizadas na inquietação da narrativa de Ana quando reflete sobre a sua disposição para trabalhar em grupo, assumidamente fruto

de uma aprendizagem social. Algumas áreas da universidade, como as Humanidades, só se abriram para o trabalho recente em parceria pelos imperativos da produtividade, estranguladas que foram pelas métricas classificatórias de alguns poucos indexadores internacionais, salvo raras exceções. Mas a trajetória aqui lembrada parece indicar que a aposta da autora foi outra. Pois desde o começo da sua carreira apostou no trabalho coletivo. Observa-se até mesmo um questionamento à ideia de meritocracia. Mas, curiosamente, não só relata as suas próprias conquistas, como faz questão de enaltecer quando as suas alunas foram premiadas. O que parece um contrassenso nos faz indagar: como não alimentar o individualismo pretensamente autoral comum à universidade, sem ignorar nossos interlocutores parceiros de travessia como sujeitos autores? Como fugir da armadilha da meritocracia sem ignorar o mérito, uma das formas de pensar o encontro do indivíduo com o mundo? Sem abrir mão de considerar os diversos pertencimentos que marcam as pessoas – sobretudo as mulheres –, a autora se mostra atenta para a necessidade de recuperar a classe social como um fator importante nesses tempos de recrudescimento da barbárie. Lembra como o esquematismo de um certo marxismo economicista (ou nem isso, dado o seu caráter quase panfletário, como vimos na educação brasileira), ceifou muitas possibilidades de uma análise da cultura que não ignorasse a dimensão ideológica, mas valorizasse a ação humana na história. Ao ler a ponderação da autora sobre isso, lembrei de uma velha tese por mim defendida, que já fez muita gente torcer o nariz. A ditadura civil-militar esfacelou ou, no mínimo, esvaziou, a possibilidade de luta coletiva na medida em que oportunizou o florescimento e a disseminação de lutas identitárias de toda ordem. A trajetória da autora, os seus múltiplos pertencimentos, faz crer que a interseccionalidade, para além do conceito, é uma possibilidade de recuperar uma pauta de lutas que una os diferentes grupos identitários, sem particularismos excludentes. Seria uma utopia? Ou isso reforçará em outros termos a impossibilidade de diálogo? Quando a autora pondera que ser mulher é uma construção

em determinado nível, abstrata, faz pensar. Mas, e as outras categorias para definir a pluralidade de identidades são menos abstratas? A interseccionalidade resolveria o problema? Até que ponto hoje, com menos de 20% dos trabalhadores podendo ser caracterizados como “classe operária”, é possível organizar lutas comuns contra quem domina material e simbolicamente? Não são poucas as inquietações que este livro provoca. Porque o refinamento da reflexão da sua autora só pode nos causar inquietação em um mundo com tão poucas certezas.

Ao longo do texto, mas com destaque à parte final, Ana nos oferece um conjunto de instigantes reflexões não apenas sobre as suas pesquisas, os seus pressupostos metodológicos, teóricos, empíricos, mas também sobre os sujeitos e a política. Inúmeras vezes se refere aos sujeitos, não como “figurantes da pesquisa”, mas vivendo, amando, sentindo, lendo, escrevendo, sofrendo. Chega a perguntar “como as pessoas dão significado à própria existência”. Preocupa-se, entre outras coisas, com a produção social, cultural, política do analfabeto. No começo do texto, a autora nos mostrou como se aproximou e depois se afastou de uma perspectiva marxista, o que mostra a sua autonomia em relação a qualquer cânone, traço que deveria ser marcante em qualquer um que atue como intelectual. O seu texto fez lembrar um bastante conhecido trabalho da professora Marta Carvalho, do começo da década de 1990, que localiza a renovação dos estudos em História da Educação brasileira na chegada de novas e grandes referências: a História Cultural francesa, Michel de Certeau e Edward Thompson. Este último é pouco mobilizado pelos historiadores da educação, e mesmo Marta, sem mais, o descarta. Já a primeira orientação se tornou uma coqueluche no campo. É certo que uma trajetória ajuda a explicar em parte as nossas escolhas. E a autora assume como foi filtrando essas influências intelectuais, o que ajuda a questionar o apego cego às vacas sagradas, tão comum ao meio acadêmico, mas que hipostasiam o pensamento. Em termos heurísticos fico curioso para saber, observando o conjunto das preocupações da autora, qual seria o lugar da experiência na sua reflexão, seja a de indivíduos ou de grupos. A sua preocupação sobre “como as

peças dão significado à própria existência” é quase “o que as pessoas fazem com aquilo que o mundo faz delas”. A sua obra se preocupa com as pessoas comuns, com as invisibilidades, com o que chega a caracterizar como “limbo da pesquisa histórica”, fazendo lembrar o célebre prefácio de *The Making of English Working Class*, de Edward Thompson. Ao comentar a abordagem multimodal de Ruth Finnegan, por exemplo, nos faz pensar que a linguagem poderia ser considerada um tipo de experiência, uma ação sobre o mundo. Não deixa de dar destaque à ética e à vida prática na experiência dos novos letrados. Fico a imaginar, se essas impressões de leitura fazem algum sentido, se a experiência como “conceito ausente” nos seus trabalhos é uma opção política ou teórica-ideológica. Ou as suas escolhas têm a ver simplesmente com afinidades eletivas? Não seria pouco se lembrarmos, com Goethe, o conflito entre paixão e razão, uma das marcas do trabalho intelectual de Ana Maria de Oliveira Galvão, esmiuçado nesse livro.

Delicie-se!

Marcus Aurelio Taborda de Oliveira
Dourados/MS, outono de 2021

A PRESENTAÇÃO

Este livro tem origem no Memorial elaborado como um dos requisitos para a minha promoção, da classe de Professor Associado IV para a classe de Professor Titular, na Universidade Federal de Minas Gerais. Agradeço aos professores Artur Gomes de Moraes (Universidade Federal de Pernambuco), Eliane Teresinha Peres (Universidade Federal de Pelotas), Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais), Rosa Fátima de Souza (Universidade Estadual Paulista) – e também Janete Maria Lins de Azevedo (Universidade Federal de Pernambuco) e Maria Alice Nogueira (Universidade Federal de Minas Gerais) –, membros da banca de avaliação, ocorrida em setembro de 2020, por terem aceitado participar desse importante momento de minha trajetória e pelo rico debate proporcionado naquela ocasião. Torno públicos, ainda, os meus agradecimentos a leitores(as) do texto, quando ainda estava em elaboração – Ceres Prado, Eliane Marta Lopes e Leôncio Soares – ou antes de se tornar livro – Anne-Marie Chartier, Antônio Augusto Gomes Batista (Dute), Cancionila Cardoso, Carlos Galvão, Carmem Eiterer, Eliana Borges, Elizabeth Cassimiro de Freitas, Flávia Tunes (*in memorian*), Giane Pimentel, Henrique Gerken (*in memorian*), Isabel Frade, Janaína Machado, Kênia Moreira, Magda Soares, Maria das Graças de Castro Sena (Dade), Mônica Jinzenji, Osmar Fávero, Rosane Rodrigues, Sylvie Moyon e Valéria Carvalho – que, de um modo ou de outro,

contribuíram para que essa ideia se concretizasse. Agradeço, por fim, a Marlucy Paraíso, pelo estímulo concreto à publicação do texto, e a Maria Elisa Meirelles, da editora Mercado de Letras, por tornar esse projeto possível. Os demais agradecimentos se encontram no início do livro.

Um memorial não é uma autobiografia, mas certamente contém traços autobiográficos. Recentemente, escrevemos um artigo (Galvão, Neiva e Jinzenji 2018) em que, por meio da análise de autobiografias, chegamos à conclusão de que os(as) autores(as), ao elaborar a narrativa, tendem a escolher – de modo consciente ou não consciente – pertencimentos identitários que servem de guia para inventar suas próprias vidas. Mesmo que esses pertencimentos sejam dinâmicos e sofram transformações ao longo das trajetórias, como nos faz compreender Bernard Lahire (2004, 2006) com sua noção de disposições, tende-se a agir e a escrever sobre esse agir a partir desses lugares que as pessoas reconhecem como delas. Na verdade, essas vidas, quando vividas, são muito mais fragmentadas e isentas de sentido do que aparentam ser na escrita.¹ Como afirma Michael Pollak (1989, p.14),

A despeito de variações importantes, encontra-se um núcleo resistente, um fio condutor, uma espécie de leit-motiva em cada história de vida. Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais. Por definição reconstrução a posteriori, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica.

1. Em um processo denominado por Bourdieu (1986[1996a]) de “ilusão biográfica”.

Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

No gênero memorial, no entanto, o eixo já está pré-definido: trata-se de explicitar (ou de inventar/produzir) processos de formação (na família, na escola e em outras instâncias) e de atuação profissional, que fariam o leitor compreender a professora-pesquisadora que me tornei hoje. Trata-se, portanto, de ressignificar lembranças – esparsas, lacunares, nebulosas² – e dar-lhes coerência explicativa. Considerando que omitir, inventar, selecionar, tecer fios desconexos são ações inerentes à produção desse gênero narrativo, prefiro tomá-las como objeto de reflexão³ do que ignorá-las.

Também não poderia ignorar o fato de que toda escrita do passado, como nos ensina Michel de Certeau (1975[1982]) em relação à “operação historiográfica”, é marcada por um lugar de produção. Nesse lugar, está o tempo presente. Escrevo este trabalho em uma conjuntura peculiar, em que um governo ultraconservador ocupa a Presidência da República e em que a humanidade vive tempos de exceção, marcados pela pandemia da COVID-19. Se não fossem essas condições, talvez ao passado fossem conferidos outros significados, o que daria origem a outros modos de narrar e, no limite, a outras vidas.

Mas, por que, então, tornar o acesso a este trabalho, elaborado em condições de produção muito específicas – um processo de progressão funcional, uma conjuntura política adversa e uma pandemia – a um público mais amplo, por meio de sua publicação em livro? Vejo algumas razões que justificam esse desafio que eu mesma me propus a enfrentar, a partir do encorajamento dos amigos e amigas e da parceria com a editora Mercado de Letras. Acredito que a leitura do livro pode interessar àqueles e àquelas que estudam (auto)biografias, processos de

2. Lembro-me aqui da imagem de Umberto Eco, em *A misteriosa chama da rainha Loana* (Eco 2005).

3. Atividade que Bourdieu (1993[1997]) nomeia de reflexividade reflexa.

formação, narrativas... Há séculos, à questão “por que as pessoas se tornam aquilo que são?” têm sido oferecidas muitas respostas, mas ainda estamos longe de esgotá-las, particularmente em países marcados por histórias pouco lineares, de território de dimensões continentais, com grande diversidade social, étnico-racial, de gênero, religiosa, educacional... Também suponho que o livro pode auxiliar na compreensão de questões derivadas da acima proposta e que eu mesma tenho perseguido ao longo das pesquisas, realizadas ou orientadas, sobre culturas do escrito: “por que algumas pessoas se tornam leitoras e escritoras, a tal ponto de estabelecerem uma relação de dependência entre o próprio (sobre)viver e a dimensão escrita da linguagem”? Nessa direção, a última parte do livro, em que busco elaborar algumas reflexões de natureza teórico-metodológica sobre as culturas do escrito, talvez auxilie os(as) estudiosos(as) da temática, tanto em termos da visualização de um certo estado do conhecimento sobre ela, quanto em discussões de natureza conceitual e metodológica. A apresentação do conjunto de resultados a que já chegamos com nossas pesquisas pode, possivelmente, estimular pesquisadores(as) a apostarem em uma agenda de novas investigações empíricas. Acredito, por fim, que o livro pode interessar aos(às) que estudam o ensino superior, particularmente as universidades públicas, responsáveis pela grande parte da produção científica do País na contemporaneidade. Por que e de que modo alguém se torna pesquisadora, docente e defensora (quase incondicional) da universidade pública no Brasil? Trata-se de um testemunho, de certo modo, coletivo, de uma geração que tem vivido, desde o início dos anos 1990, de um lado, o fortalecimento e a expansão dessas instituições e, de outro, as constantes ameaças ao seu funcionamento e à manutenção de sua qualidade.

Começo, então, a narrativa por seu suposto início – pertencimentos identitários que surgem já no meu nascimento, ocorrido em condições históricas particulares – e termino pelo momento atual. Entre o início e o fim da primeira parte do livro, (re)construo a minha formação escolar, outras instâncias formativas significativas na infância e na adolescência, a

construção das minhas opções profissionais, o mestrado e o doutorado. Busquei analisar a minha trajetória à luz de referenciais teóricos e de abordagens metodológicas que utilizo, em minhas próprias pesquisas, quando analiso (auto) biografias e narrativas orais de vida de outras pessoas. Na segunda parte do livro, apresento as principais atividades que exerci ao longo de minha trajetória profissional, sobretudo no ensino superior e na Universidade Federal de Minas Gerais, relativas ao ensino, à pesquisa, às orientações, à produção acadêmica e à administração. Nesse momento, busquei destacar como as condições favoráveis proporcionadas pela vivência em universidades públicas brasileiras foram decisivas para que eu pudesse construir minha trajetória acadêmica. Também nessa parte, busquei apresentar ao(a) leitor(a) as reflexões de natureza metodológica que pude elaborar ao longo de minha trajetória como pesquisadora, que têm efeitos importantes em minha atuação como professora, particularmente de Metodologia de Pesquisa. Na terceira e última parte do livro, partilho algumas elaborações de natureza conceitual e metodológica que pude construir ao longo de todo esse processo, sobretudo as que dizem respeito às culturas do escrito, aos “novos letrados” e às principais instâncias de letramento que identificamos ao longo do século XX, no caso brasileiro.